

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
O USO DE LETRAS MAIÚSCULAS
NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Cláudia Reis Otoni de Paula (UNIMONTES)
claudiareisdepaula@yahoo.com.br

RESUMO

O momento vivido hoje, por nós, é um momento histórico. Estamos renovando, deixando claro que a língua portuguesa ensinada tem que ter um propósito, objetivo. Artur Gomes de Morais (2003, p.17) considera que a ortografia é tratada na escola, pois a língua portuguesa tem avançado em alguns aspectos. Levando em conta que temos que ensinar nossos alunos a ler e a produzir textos significativos. Pautamo-nos na pesquisa-ação com estratégias interativas. Embasamos em Carlos Alberto Faraco (2012), Luiz Antônio Marcuschi (2005), Magda Soares (2001), Volcã (2015), Mary Aizawa Kato (1995), Luiz Carlos Cagliari (2009). Temos a ortografia na visão tradicional: Evanildo Bechara (2009), Celso Cunha e Luiz Felipe Lindley Cintra (2008), Carlos Henrique da Rocha Lima (2008). Na linguística: Ataliba Teixeira de Castilho (2014), Marcos Bagno (2011), Carlos Alberto Faraco (2012). Com base nisso, propomos, por meio da pesquisa “O uso de letras maiúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental II”, realizada em uma escola na cidade de Almenara (MG), analisar e descrever os casos de uso indevido ou de não uso de letras maiúsculas em atividades de produção textual dos alunos do 9º ano. Para tanto, desenvolvemos, com base nos procedimentos da pesquisa-ação, três atividades diagnósticas, intencionando a produção espontânea de textos. Veremos em que contextos acontecem o não uso de letras maiúsculas, quais são os usos não-convencionais mais recorrentes.

Palavras-chave: Ensino de língua. Ortografia. Uso de letras maiúsculas.

1. Introdução

O presente artigo tem como embasamento a concepção de linguagem, ou seja, a linguagem é caracterizada como interação social, é tida como fato social. Diante dessa concepção de linguagem incluímos a língua falada e escrita, bem como a linguagem não verbal. Percebemos nesse caso, que ela é tida como um sistema complexo que usamos para comunicarmos e tem um significado (FARACO, 2012). Abordaremos segundo Artur Gomes de Morais (2010, p. 27) a ortografia, segundo o autor funciona como um recurso capaz de “cristalizar” na escrita diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira.

Nesse enfoque, trataremos do “uso indevido ou da falta de uso de letras maiúsculas na escrita do nosso aluno”, o que motivou o interesse

em estudar o fenômeno. A partir dessa motivação elaboramos as questões: em que contextos linguísticos ocorre o uso indevido de letras maiúsculas na escrita dos alunos?; e quais são os usos não convencionais mais recorrentes no uso de letras maiúsculas na escrita dos alunos investigados?

Após esses questionamentos, apontamos duas hipóteses a) Os alunos do 9º ano do ensino fundamental usam indevidamente letras maiúsculas em sua escrita porque desconhecem as normas convencionadas da ortografia; e b) O (des)conhecimento dos alunos sobre o traçado das letras pode ocasionar a utilização indevida de letras maiúsculas no início, no meio ou no fim dos vocábulos.

Com base nessas hipóteses, esta pesquisa tem como objetivo geral ensinar o uso de letras maiúsculas para os alunos do 9º ano do ensino fundamental II, de uma escola pública na cidade de Almenara (MG).

2. O ensino da ortografia

2.1. Ensino da língua

Podemos afirmar que somos cheios de variados tipos de linguagens, a verbal é a nossa marca, pois é característica da espécie humana (FARACO, 2012, p. 21). Como afirma o autor, vivemos em uma semiósfera, pois a linguagem verbalizada tem o seu lugar, podemos justificar essa afirmação pela ubiquidade da linguagem verbal na vida do ser humano (VOLOSHÍNOV, 1992, *apud* FARACO, 2012, p. 25). A consciência social é construída a partir da linguagem verbal. Essa consciência que pode ser comentada e acompanhada, pode também ser materializada, tornando o nosso discurso, que é a nossa ideologia (as artes, as ciências, o direito e a religião).

A linguagem verbal, nesse sentido, se caracteriza, como sendo uma articulação de enunciados; seus signos são discretos e não estão limitados à situação imediatista, pois a linguagem verbal permite aos seres humanos falar do passado, futuro e do inexistente (FARACO, 2012, p. 22). Seja em qualquer modalidade de linguagem, existem características peculiares.

A linguagem tem como função instituir direitos e deveres entre os falantes da língua, pois está relacionada aos valores social e histórico que são construídos por nós.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A língua falada e a língua escrita são tidas como opostas, mas tem atividades interativas e se completam, as duas promovem textos com coesão e coerência. (MARCUSCHI, 2007)

O autor nos afirma que, a oralidade é uma prática social realizada em diversos gêneros formais e informais e o letramento tem formas diferenciadas de práticas sociais de escrita. Mary Aizawa Kato (1995), faz uma análise das semelhanças e diferenças entre a escrita e a fala e toma como critério a natureza do estímulo: auditivo para a fala e visual para a escrita; a natureza da forma: as diferenças são acarretadas pelas condições de produção e de uso da linguagem, havendo entre a linguagem oral e a escrita uma múltipla variação, influenciada por diferentes variáveis, como o grau de letramento, o gênero, o registro e o estágio de desenvolvimento linguístico, ao passo que as semelhanças decorrem do fato de que escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, podendo, assim, codificar os mesmos objetivos; a natureza da função: há variação na forma como a linguagem é utilizada nas duas modalidades, por causa da evolução histórica e das diferenças sociais, que acarretem usos funcionais.

Com isso, compreendemos que a fala e a escrita são parcialmente isomórficas e isofuncionais, sendo que a “a fala é regida por imposições de ordem comunicacional e funcional, enquanto a escrita sofre, além disso, as imposições de ordem normativa e convencional, que podem, por vezes, conflitar com as de ordem funcional”. (KATO, 1995, p. 28)

Com base nessas relações entre fala e escrita consideramos que ensinar português é dá oportunidade aos alunos da ampliação das práticas orais de linguagem e dominar as escritas (FARACO, 2012). Os profissionais devem proporcionar condições de aprendizagem para os alunos, assim os aprendizes avançarão no processo de desenvolvimento da linguagem.

Há uma necessidade de se diferenciar o que se fala e o que se escreve, isso se deve porque a língua varia muito de uma língua para outra ou de uma variedade para outra, dependendo, por vezes, de circunstâncias extralinguísticas, nesse sentido, se cada um escrevesse do jeito que falasse, a comunicação poderia ficar comprometida.

2.2. Ortografia e sua importância

A ortografia existe para que a grafia das palavras seja aprimorada diante de um contexto em que há variação, a forma fixa deve ser usada para representar a escrita, pois, conforme Artur Gomes de Moraes (2010, p. 27) “a ortografia objetiva 'cristalizar' na escrita as diversas maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua”. O registro feito de forma unificada, deixa a comunicação mais eficiente e mais fácil. Marcos Bagno (2011) diferencia ortografia de escrita esclarecendo que a ortografia não é o mesmo que escrita, a segunda se trata de uma prática social de uso da linguagem e a primeira faz se refere a um conjunto de regras normatizadas. Saber ortografia não é saber a língua exige treinamento e prática constante.

O funcionamento da ortografia ocorre como um aparato na escrita, ou seja, tem a função de unificar a comunicação.

O ensino sistemático da ortografia, conseqüentemente se torna necessário, não ocorrendo de forma passiva e exige uma construção individual por meio de estratégias pedagógicas que levem em conta as especificidades da norma ortográfica. Compreendemos que há a diferença entre o que é produtivo, que se aprende por meio das regras, e o que é reprodutivo, na percepção de que não há regras que explicam determinada grafia, o que orienta, assim, para uma escrita de memória (BRASIL, 1997). Sendo assim, o aluno, aprenderá que as representações gráficas são previsíveis, tomando como ponto de partida a relação entre fonema e grafema, podendo ser a grafia arbitrária.

É evidenciado que o ensino ortográfico deve ser estruturado de forma contextualizada, priorizando situações que tenham uma fundamentação. Nesse sentido, as atividades de escrita devem ter uma importância para o aluno e que tenha sentido, para que a motivação seja explícita pelo aprendiz, e que esse sinta vontade de escrever corretamente, realizando postura crítica diante da escrita, registrando textos com correção e adequação. (BRASIL, 1997)

2.3. O uso de letras maiúsculas

O uso de letras maiúsculas segundo Evanildo Bechara (2009, p. 103-105), é empregada nas situações: 1.º) começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso”. [...]. 2.º) Nos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas etc.: *José, Maria* [...]. 3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira, Idade Média* [...]. 4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo* [...]. 5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação* [...]. 6.º) Nos nomes que designam artes, ciências ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura, Arquitetura, Filologia Portuguesa* [...]. 7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa, Cardeal* [...]. 8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral de Ensino, Ministério das Relações Exteriores* [...]. 9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo, Horas Marianas* [...]. 10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil, Descobrimento da América* [...]. 11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio* [...]. 12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República, a Transbrasiliana* [...]. 13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente; o falar do Norte* [...]. 14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D.* (Dom ou Dona), *Sr.* (Senhor) [...]. 15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo, caro Colega*: [...].

Segundo Carlos Henrique da Rocha Lima (2008, p. 59), por sua vez, aponta o uso da letra maiúscula: 1) No começo de discurso, verso, ou citação direta; e depois de ponto final. Exemplos: “Cálido, o estio abrasava. [...]” “E a vida passa, efêmera e vazia” [...]. 2) Nos substantivos *próprios* de quaisquer espécies: a) Nomes de pessoas (prenomes, sobrenomes, cognomes, alcunhas, hipocorísticos, antonomásticos; os relativos a divindades e as seres fabulosos): *Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac; Valentina, Evangelina* [...]. b) Nomes de lugar: *América do Sul, África* [...]. Incluem-se aqui os nomes de acidentes geográficos e os relativos a entidades astronômicas: *Amazonas, Guanabara, Vesúvio* [...].

c) Títulos em geral (nomes de altos cargos, dignidade ou postos; de repartições, estabelecimentos ou edifícios públicos e particulares; de livros, jornais, revistas, produções artísticas ou científicas, etc.): *Papa, Cardeal, Presidente da República* [...]. d) Nomes de fatos históricos (grandes eras, épocas e datas; notáveis acontecimentos e empreendimentos públicos): *Idade Média, Hégira, Queda da Bastilha* [...]. 3) Nos substantivos *comuns*, quando individuados, ou, quando em sinal de respeito ou deferência, se usam em sentido elevado ou simbólico: *o Poeta dos Descobrimentos* (Camões); *o Crescente* (a Turquia) [...]. 4) Nos tratamento de reverência: *D.* (Dom ou Dona); *Sr.* (Senhor) [...]. 6) Nas palavras, de quaisquer categorias, referentes a nomes sagrados: “E recebeste-O nos teus braços. Vinha do alto do Lenho onde estivera exposto ao ímpio olhar, tão ímpio! da mesquinha Multidão que insultava o santo Rosto...” [...].

Com base no Acordo Ortográfico (Academia Brasileira de Letras, 2009), verificamos que a orientação dada para o uso das letras maiúsculas é: a) nos antropônimos, reais ou fictícios: Pedro Marques; Branca de Neve, D. Quixote; b) nos topônimos, reais ou fictícios: Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria; c) nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: Adamastor; Neptuno/Netuno; d) nos nomes que designam instituições: Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social; e) nos nomes de festas e festividades: Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos; f) nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Primeiro de Janeiro*, *O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*); g) nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Meio-Dia, pelo sul da França ou de outros países, Ocidente, por ocidente europeu, Oriente, por oriente asiático; h) em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: FAO, NATO, ONU; H₂O; Sr., V. Ex.^a; i) opcionalmente, em palavras usadas referencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos (rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões), de templos (igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista), de edifícios (palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha).

Segundo Ataliba Teixeira de Castilho (2014, p. 96) o uso da letra maiúscula em análise desse Acordo Ortográfico, afirma que houve uma simplificação do uso obrigatório dessas letras, restringindo-se às seguintes situações: nomes próprios de pessoas (João, Dom Quixote); lugares

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

(Curitiba, Rio de Janeiro); instituições (Instituto Nacional da Seguridade Social, Ministério da Educação); seres mitológicos (Netuno, Zeus); nomes de festa (Natal, Páscoa, Ramadão); na designação dos pontos cardeais quando se referem a grandes regiões (Nordeste, Oriente); nas siglas (FAO, ONU); nas iniciais de abreviaturas (Sr., Gen.. V. Ex^a); nos títulos de periódicos (Folha de São Paulo, Gazeta).

Ficando facultativo usar a letra maiúscula nos nomes que designam os domínios do saber (Matemática ou matemática), nos títulos (Cardeal ou cardeal Seabra) e nas categorizações de logradouros públicos (Rua ou rua da Liberdade), de templos (Igreja ou igreja do Bonfim) e de edifícios (Edifício ou edifício Cruzeiro).

3. *Levantamento e análise dos dados*

O presente trabalho intitulado “O uso indevido de letras maiúsculas na escrita dos alunos do fundamental II”, tem como público os alunos do 9º ano A. O município é localizado no Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais, tem uma população estimada de 41.296 habitantes e uma economia que gira em torno da agricultura, da pecuária e do comércio local.

A escola escolhida para desenvolver a pesquisa por sua vez, se situa na rua Lívio Fróis Otoni, no centro de Almenara. A instituição tem 96 funcionários, dos quais 1 diretora, 2 vices, 2 supervisores, 3 professores para uso da biblioteca, 61 professores de diferentes áreas e 27 funcionários entre os serviços de secretaria e auxílio da educação básica. Atende a 945 alunos dos mais variados bairros, oferecendo ensino fundamental II e ensino médio, em três turnos: matutino com 414; vespertino com 207; e noturno com 324 alunos. A turma do 9º A, selecionada para desenvolver esta pesquisa, é composta por 41 alunos, nascidos em Almenara, sendo 20 meninas e 21 meninos, na faixa etária de treze a dezessete anos.

Mapeamos as dificuldades ortográficas após a aplicação de atividades diagnósticas de produção e interpretação de texto. A atividade diagnóstica foi elaborada em três fases com a finalidade de perceber se o modo como o aluno fala exerce alguma influência no modo como escreve e verificar, nas atividades por ele, se toma como referência as regras ortográficas.

Analisamos essas atividades, percebemos que a situação do uso indevido de letras maiúsculas foi o tipo de “erro” mais evidenciado, sen-

do essas letras utilizadas em contextos nos quais não são esperadas, podendo citar, como exemplos:

- a) “E A menina aceitou” (A13);
- b) “podia Ficar algum tempo” (A8);
- c) “seu pai Já havia falecido” (A40);
- d) “um menino que se chamava calvin” (A33);
- e) “a Roupa, tomou café” (A20);
- f) “transformei neste rã. preciso de uma bela princesa” (A5);
- g) “abriu a Boca” (A12);

Nesse sentido, fomos motivados a pesquisar o ensino da escrita ortográfica, para podermos ter um embasamento dos “erros” de escrita detectados nas produções desses aprendizes, tendo como foco o uso de letra maiúscula.

A partir dos “erros levantados, buscamos aporte teórico nas ideias defendidas por, Luiz Carlos Cagliari (2009) que por sua vez analisa os “erros” cometidos pelos alunos na escrita espontânea. O autor nos afirma que devemos compreender que os alunos aplicam, na atividade espontânea, a reflexão como tentativa de fazer uma relação entre som e letra, tomando as regras como reveladoras de usos possíveis do sistema de escrita, mas por convenção constituem “erros”. O autor cria categorias de “erros” cometidos pelos aprendizes e, a partir disso, sugere elaborar adequadamente um trabalho em sala de aula.

Percebermos que é necessário que o trabalho com a ortografia seja contextualizado, que seja motivador e que deixe claro a função da escrita e as normas ortográficas. Segundo Artur Gomes de Moraes (2010) é importante uma intervenção didática, com sistematização, constituída de atividades com práticas interativas.

Temos então, a ortografia como uma convenção, que a escola deve oportunizar os alunos a ampliar durante o Ensino fundamental a escrita ortográfica para que o nível de conhecimento sobre a escrita seja ampliado. (BRASIL, 1997)

Segundo Irlandé Antunes (2007) afirma que nos estudos sobre a linguagem

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Devem ter prioridade conteúdos, objetivos e práticas pedagógicas que focalizam a funcionalidade da linguagem, de modo que a escola tenha suas atividades voltadas para a compreensão, análise e produção de diferentes textos orais e escritos, de atividades que partam da convivência com patrimônio literário do meio do aluno e dos pais, de momentos de reflexão ente as variedades linguísticas e a realidade político-social. (ANTUNES, 2007)

Nesse caso, temos que entender que uma educação linguística tem como proposta um conjunto de atividades de ensino/ aprendizagem, formais ou informais (TRAVAGLIA, 2004). Compreendemos que o ensino da língua desenvolve a competência comunicativa dos falantes.

Dessa forma, concordamos com Luiz Carlos Cagliari (2010) e Marcos Bagno (2011) quando afirmam que

Os chamados erros de ortografia são altamente previsíveis e perfeitamente explicáveis. Nosso cérebro é tão organizado que mesmo quando erramos, erramos com uma lógica claramente perceptível, ditada por normas impressionantes e poderosas faculdades cognitivas. (BAGNO, 2011, p. 397)

Segundo Carlos Alberto Faraco (2012) temos que ter o cuidado de elaborar atividades em uma escrita mais funcional e de cunho social, no desenvolvimento de situações reflexivas sobre a linguagem em relação a escrita dos alunos. Tomamos os “erros” de escrita como previsíveis e explicáveis, segundo (BAGNO, 2013), para, assim, propormos uma intervenção adequada. Com base em Gladis Massini-Cagliari (1999) temos que trabalhar as categorias gráficas e funcionais das letras

Dessa forma diversificaremos e ampliaremos a visão do aluno com atividades funcionais. Assim, será promovido uma interação que permitirá uma reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da linguagem.

4. Considerações finais

Ao desenvolver atividades de escrita em nossa prática em sala de aula, observávamos diversos tipos de “erros” ortográficos, o que nos fez sentir incomodados, pois esses alunos já deveriam ter o domínio básico de aspectos da ortografia, como, por exemplo empregar satisfatoriamente as letras maiúsculas e minúsculas.

Ao ter a certeza do tipo de erro fomos motivados a estudar e conhecer as particularidades do fenômeno que apresentou na escrita desses alunos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Com base no que foi exposto, percebemos que o ‘erro’ de ortografia cometido pelos nossos alunos pode ser compreensível verificando que o aprendiz precisa de ajuda durante o seu processo de sistematização da escrita.

Concluímos que o "erro" pode ser um termômetro, porque ele nos indicará o modo como o aprendiz resolve sua atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa – 3º e 4º ciclos*. Brasília: MEC, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

_____. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998.

_____; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e alfabetização*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Linguagem escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2012.

KATO, Mary Aizawa. *No Mundo da escrita*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MESTRADO Profissional em Letras. Desenvolvido pela Diretoria de Tecnologia da Informação, 2013. Apresenta as atividades desenvolvidas pelo Profletras da Universidade Estadual de Montes Claros. Disponível em:

<http://www.cch.unimontes.br/profletras/index.php?option=com_content&view=article&id=116&Itemid=997>. Acesso em: 9-02-2014.

MORAIS, Artur Gomes de. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

NASCIMENTO, Milton do. Da forma sonora à forma gráfica da escrita: uma análise linguística do processo de alfabetização. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 16, p. 5-30, jan/jun. 1989.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita. *Revista CEFAC*, n. 11, p. 406-416, jul-set 2009.

_____; NASCIMENTO, Milton do. Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita. *Educação em Revista*, n. 12, Belo Horizonte: FALE; UFMG, 1990.

ROSA, Clarice Costa; GOMES, Erissandra; PEDROSO, Fleming Salvador. Aquisição do sistema ortográfico: desempenho na expressão escrita e classificação dos erros ortográficos. *Revista CEFAC*, São Paulo, vol. 14, n. 1, jan./fev. 2012. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462011005000087>>. Acesso em: 10-02-2015.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZARROTTI-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

SUMÁRIO¹¹

0. Apresentação –	5
<i>José Pereira da Silva</i>	
1. A entoação em falantes de Santa Teresa (ES)	9
<i>Priscilla Gevigi de Andrade Majoni</i>	
2. As concepções de gramática, norma e variação em documentos oficiais de políticas educacionais para o ensino médio	22
<i>Gilvan Mateus Soares e Orando Antônio da Costa Filho</i>	
3. Jogos digitais ou no digital: os objetos educacionais entre a inovação e a remediação	42
<i>Gilvan Mateus Soares</i>	
4. Ortografia opaca e transparente na escrita de escolares	54
<i>Andreia Cardozo Quadrio, Maria Cecília de Magalhães Mollica e Luciana de Melo</i>	
5. Reflexões sobre o uso do <i>h</i> no conto “O Benedicto”, de Ismael Coutinho	69
<i>Fernanda Viana de Sena e Nataniel dos Santos Gomes</i>	
6. Um curso de formação continuada no Facebook: perspectiva dos professores-participantes	77
<i>Solimar Patriota Silva</i>	
7. A análise da acentuação gráfica dos vocábulos presentes em <i>Bosquejos</i>	93
<i>Cesar Christian Ferreira dos Santos e Nataniel dos Santos Gomes</i>	
8. O uso de letras maiúsculas na escrita de alunos do ensino fundamental II	105
<i>Cláudia Reis Otoni de Paula</i>	

¹¹ Os seis primeiros artigos deste número correspondem à primeira edição, publicada em agosto. Nesta segunda edição, foram acrescentados os artigos seguintes.